



BEOWULF







BEOWULF

edição bilingüe
inglês antigo | português

tradução, introdução e notas
Erick Ramalho

Jessitura
Belo Horizonte
2007



Copyright © Tessitura Editora, 2007

Imagem da réplica do elmo anglo-saxônico
recontruido © *The Trustees of the British Museum*

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Milton Fernandes

TRADUÇÃO
Erick Ramalho

REVISÃO
Maria do Rosário Figueiredo

EDITORA RESPONSÁVEL
Maria Adélia Vasconcelos Barros

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Nina C. Mendonça - CRB 1228-6

B481 Beowulf / Erick Ramalho, tradutor. – Belo Horizonte:
Tessitura, 2007.
248 p. : il. p&b., maps. ; 14 cm.

Inclui anexos.

ISBN: 978-85-99745-11-3

1. Poesia épica anglo-saxã. Beowulf. I. Ramalho,
Erick.

CDD : 829.3

Tessitura Editora
Av. Getúlio Vargas, 874 . sala 1503
30112 - 020 . BH . MG . Brasil
55 . 31 . 3262 0616 . www.tessituraeditora.com.br

*Leofan Fernandae Messedere,
þe, mid hire liornunga, fægum eagum
ond hunigswetan stefne, ræt leoplicu ondgitu
on Læden ond on Englisc.*

À querida Fernanda Messeder,
que, com erudição, belos olhos
e voz melíflua, lê sentidos poéticos
em latim e inglês.





SUMÁRIO

Prefácio	ix
Introdução	xi
Genealogias	xxxi

<i>Beowulf</i>	1
----------------------	---

Notas	197
Ilustração e Mapa	209
Bibliografia	212
Sobre o tradutor	215







PREFÁCIO

Ora se apresenta, ladeada pelo original em inglês antigo, a primeira tradução em versos de *Beowulf* para a língua portuguesa. Com este livro, almejo evidenciar a dimensão estética do poema anglo-saxônico, elemento essencial de sua condição literária, sem perder de vista, naturalmente, a importância histórica e cultural dos temas que subjazem às peculiaridades formais de seus versos. Afinal, há muito se sabe que é nos entrelaces lingüísticos de forma e de sentido que se manifestam os aspectos contextuais da literatura, bem como suas implicações filosóficas, sociológicas, antropológicas, históricas, geográficas.

Aos que estudam a língua e a literatura inglesas, desejo oferecer com esta edição auxílio e incentivo às leituras e às discussões de *Beowulf*, o que eu gostaria que se estendesse igualmente tanto àqueles que se dedicam às literaturas de outras línguas quanto aos medievalistas das demais áreas de conhecimento, cujo interesse pela Inglaterra anglo-saxã – para cujo estudo muito se valem de *Beowulf* – é notório. Que também os estudiosos de outras línguas indo-européias, sobremaneira as germânicas, o latim e o grego, reconheçam no poema anglo-saxônico diversos vocábulos e étimos com os quais estão familiarizados, de modo que este volume possa contribuir, talvez, para os estudos de lingüística comparada e de filologia. Mas, acima de tudo, é o prazer da leitura literária que pretendo proporcionar com esta obra ao especialista e ao leitor comum, com o anseio de que cá encontrem todos motivo para a fruição que justifica o labor poético.

Iniciada com o trabalho solitário do tradutor, uma edição desta natureza somente se torna pública quando envolve os esforços de um grupo de profissionais que fornecem à atividade editorial sua dimensão formadora e crítica, cientes de que estes bem convivem com os fins comerciais necessários. Desse modo, agradeço o interesse, tanto pela obra em inglês antigo como por esta tradução, dos editores da Tessitura, que tão bem sabem apreciar as letras, além de conhecer a importância de divulgá-las com vistas ao desenvolvimento humano. Pelo cuidado com o texto, e,



também, pelo empenho em imprimir-lhe um aspecto adequado às suas particularidades nada simples, agradeço ainda ao Milton Fernandes, responsável pelo projeto gráfico, da diagramação até a capa, deste livro. Manifesto minha gratidão também à Zara Figueiredo, pela leitura do texto, e à Profa. Dra. Suely da Silva Lobo, pela atenção para com a introdução e as notas desta edição, nas quais figuram melhorias advindas dos seus comentários e de suas sugestões, os quais, precisos e utilíssimos, me acompanham desde o nascimento de minha vida acadêmica. Por fim, agradeço ao British Museum, que gentilmente permitiu que aqui se reproduzisse a imagem da réplica do elmo anglo-saxão que ilustra este volume.

Erick Ramalho

Belo Horizonte, janeiro de 2007

INTRODUÇÃO

DA COMPOSIÇÃO, DO MANUSCRITO E DAS TRANSCRIÇÕES

Escrito em inglês antigo por volta dos anos 680 e 725, *Beowulf* é um longo poema de temática heróica que apresenta as principais características épicas anglo-saxãs – sobretudo a dicção típica da narrativa dos feitos bélicos e os valores específicos de conduta militar —¹ mescladas a um amálgama de material histórico, elementos mitológicos comuns aos povos germânicos antigos e preceitos do cristianismo. O poema possui 3182 versos, os quais são divididos em seções denominadas *fitts* (dos quais o primeiro, espécie de prólogo, estende-se, sem numeração, do verso inicial ao quinquagésimo segundo) e numerados consecutivamente do primeiro ao último. Todos eles apresentam, entre seus hemistíquios, os espaços em branco que são demarcações gráficas dos limites métricos da distribuição das aliterações fundamentais no sistema de versificação anglo-saxônico.

Em sua forma final, a única de que se tem notícia, *Beowulf* é fruto do trabalho de um poeta cristão desconhecido, talvez com a contribuição de mais outro(s) poeta(s), embora não se saiba ao certo se o trabalho desse(s) poeta(s) compreende o processo inteiro de composição dos versos ou se diz respeito apenas à adaptação de um poema anterior, oral e pagão, produzido por um *scop*, o poeta anglo-saxônico.

¹ FOWLER, Roger. *Old English Prose and Verse. An Annotated Selection with Introductions and Notes*. London: Routledge & Kegan Paul, 1966, p. 82. Nas literaturas grega e romana antigas, das quais advém o conceito, um épico é definido como sendo uma composição poética longa, composta em hexâmetros e derivada de material mitológico (HARRISON, Steven. *Ovid and Genre: Evolutions of an Elegist*. In: Hardie, Philip (ed.). *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 87), o que de certa forma condiz em parte com a extensão de *Beowulf* (3182 versos constituem um poema longo para os padrões medievais, embora bem menor do que, por exemplo, os quase quarenta mil versos da *Iliada*) e com a origem mitológica de parte do seu material. Ademais, apontam-se semelhanças entre o funeral de Beowulf e o de Ofeltes, conforme narrado por Estácio no Livro VI da *Tebaida*, e, também, a descrição da pira fúnebre de Aquiles no Livro XXIV da *Odisséia* (FOWLER, *Old English Prose and Verse*, 1966). Chambers (CHAMBERS, R. W. *Beowulf. An Introduction to the Study of the Poem with a Discussion of the Stories of Offa and Finn. With a Supplement by C. L. Wrenn*. Cambridge: Cambridge University Press, 1959) compara, ainda, o lamento da mulher no funeral de Beowulf, indício também das incertezas políticas dos Getas causadas pelo falecimento do herói, ao pesar de Andrômaca pela morte de Heitor no Livro XXIV da *Iliada*.

Beowulf chegou até os nossos dias por um manuscrito, produzido por volta do século X, que hoje se encontra na Biblioteca Britânica (British Library) com o título MS Cotton Vitellius A. xv – isto é, como parte da coleção que pertenceu ao antiquário Sir Robert Cotton (1571-1631) –, embora seja também chamado, às vezes, de *Lowell Codex*, pelo fato de ter sido, antes, de propriedade do intelectual e colecionador Laurence Nowell (c. 1515-c. 1571). Pelas diferenças ortográficas recorrentes no poema (por exemplo, *Beowulf* e *Biowulf*), pode-se observar que o manuscrito resulta do trabalho de dois copistas, que apresentam os versos de modo contínuo, sem as divisões de meio, e indicam os *fitts* com numerais romanos.

Hoje, esse manuscrito, em nova foliação, que evita a progressão dos danos nas bordas de suas páginas, serve como base para as edições de *Beowulf* juntamente com as duas transcrições dele feitas, em 1787, pelo intelectual islandês Grímur Jónsson Thorkelin e por um copista por ele designado – conhecidas como as transcrições A e B de Thorkelin. Desde as primeiras edições de *Beowulf*, publicadas no século XIX, é prática cotejar-se o manuscrito com as transcrições de Thorkelin para fins de estabelecimento do texto. Com a difusão das edições no século XX, que se deveu, em grande parte, ao interesse de autores como J. R. R. Tolkien e Jorge Luis Borges, a quantidade de estudos acerca do poema tem aumentado, bem como acerca do inglês antigo.²

² A relação de Tolkien com *Beowulf* dá-se tanto na influência que o poema teve na composição de sua própria obra literária quanto na posição central que ocupa em seus estudos teóricos, importantíssimos para a beowulfiana, dentre os quais se destaca o ensaio “*Beowulf: the Monsters and the Critics*” (In: FULK, R. D. (ed.). *Interpretations of Beowulf*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1991. p. 14-44), no qual o professor oxoniano releva a apreciação estética do poema, então lido quase exclusivamente como forma de se conhecerem aspectos históricos e culturais da Inglaterra anglo-saxã. Também Jorge Luis Borges fez de *Beowulf* tema de citações recorrentes em suas abordagens das literaturas germânicas medievais, o que muito contribuiu para divulgação, na América Latina, do poema e da língua em que ele foi escrito, conforme se observa nas obras *Literaturas Germânicas Medievais* (Buenos Aires: Emecé, 1995) e *Curso de Literatura Inglesa* (Org. Martín Arias e Martín Hadis. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002). Quanto aos inúmeros estudos recentes acerca de *Beowulf* e do inglês antigo, considerem-se, a princípio, os artigos científicos de Bredehoft (“Secondary Stress in Compound Germanic Names in Old English Verse”. *Journal of English Linguistics*, vol. 31/n. 3. September 2003. Cambridge: Cambridge University Press. p. 199-220), Fulk (“On Argumentation in Old English Philology, with Particular Reference to the Editing and Dating of *Beowulf*”. *Anglo-Saxon England*. 32 (2004) p. 1-26), Gelling (“The Landscape of *Beowulf*”. *Anglo-Saxon England*. 31, 2002, p. 7-11) e Sundquist (“Relative Clause Variation and the Unity of *Beowulf*”. *Journal of Germanic Linguistics*. 14.3, 2002. p. 243-269).

DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM

Escrito em período ulterior do dialeto saxão ocidental, *Beowulf* pertence à literatura produzida na primeira das três fases históricas da língua inglesa, aquela do inglês antigo ou anglo-saxão. Trata-se da língua inglesa em momento histórico ainda próximo do alto alemão antigo (*Althochdeutsch*, em alemão), do nórdico antigo (conhecido como *dǫnsk tunga* por seus falantes)³ e do gótico, todas essas línguas advindas do proto-germânico, por sua vez, proveniente do indo-europeu. À fase anglo-saxã seguem-se outras duas, a saber, a do inglês médio e a do inglês moderno, conforme se vê nesta breve disposição, simplificada, mas útil para a contextualização histórica e lingüística de *Beowulf*:

1) Inglês antigo (*Old English*) ou anglo-saxão (*Anglo-Saxon*). Período compreendido, aproximadamente, entre o ano 500 d.C. e a Conquista Normanda, ocorrida em 1066. Dessa época, além de *Beowulf*, restam poemas líricos de autoria desconhecida, aos quais se refere por seus títulos em inglês contemporâneo, como, por exemplo, *The Wanderer* (O Errante) e *The Dream of the Rood* (O Sonho da Cruz). São também famosos os escritos de Ælfric (c. 955- c. 1010) e a tradução da obra *A Consolação da Filosofia* de Boécio feita, do latim para o inglês antigo, pelo rei Alfredo, o Grande (848-899) com o auxílio do material produzido por outros intelectuais. O alfabeto rúnico, utilizado pelos anglo-saxões quando de sua entrada nas Ilhas Britânicas, foi, depois, substituído pelo alfabeto latino, restando da fase rúnica do inglês antigo apenas inscrições. Assim,

³ O nórdico antigo foi o idioma comum aos povos da Escandinávia e de outras áreas em que eles se estabeleceram (Escócia, Inglaterra, Groenlândia, Ilhas Féroes) durante a Era Viquingue, até por volta do ano 1300. Falada por diferentes povos, como, por exemplo, os dinamarqueses, os suecos, os noruegueses e os islandeses, esta língua apresentava dois principais dialetos, um ocidental e outro oriental. Desses dialetos, para efeito de produção escrita na norma culta, destacou-se o ocidental, que compreendia o norueguês antigo e o islandês antigo. Costuma-se dizer, portanto, que as *Eddas* e as sagas foram escritas em islandês antigo, o que bem demonstra a relação entre a linguagem desses poemas e o idioma que se fala, ainda hoje, na Islândia. Como as referências ao nórdico antigo aqui presentes têm por objetivo comparar alguns de seus elementos à estrutura do inglês antigo, adoto, para esse fim, a denominação nórdico antigo (*Old Norse*, em inglês; *Altnordisch*, em alemão), que é utilizada com maior frequência para referir-se a essa língua, que era inteligível tanto para os anglos quanto para os saxões e que, durante o domínio de parte da Inglaterra, entre os séculos XIX e XI, pelos viquingues (domínio conhecido como *Danelaw*; *Dena lagu*, em inglês antigo; *Danelagen* em dinamarquês antigo), era chamada de *dansk tunga*, “língua dinamarquesa”. Para uma descrição minuciosa do nórdico antigo, ver NOREEN, Adolf. *Altisländische und Altnorwegische Grammatik unter Berücksichtigung des Urnordischen (Sammlung Kurzer Grammatiken Germanischer Dialekte*. Hrsg. Wilhelm Braune. VI. Altnordische Grammatik I). Dritte Auflage. Halle: Max Niemeyer, 1903.

todo o *corpus* remanescente da literatura escrita em inglês antigo apresenta-se no alfabeto latino.

2) Inglês médio (*Middle English*). Fase da língua inglesa que se estende, aproximadamente, da Conquista Normanda até o século XV, na qual escreveram, por exemplo, Geoffrey Chaucer (c. 1343-1400), autor dos *Contos da Cantuária* (*Canterbury Tales*), dentre outras obras importantes; William Langland (c. 1330?-c. 1386?), autor do poema *Piers Plowman*; e Sir Thomas Malory (falecido em 1471), cuja obra *Le Morte D'Arthur* é fundamental para os estudos arturianos. Trazidos pelos Normandos, os galicismos de perpetuaram na língua inglesa dessa época.

3) Inglês moderno (*modern English*). Subdivide-se essa fase, de modo geral e de acordo com os estilos literários, em inglês do início da modernidade (*early modern English*, também denominado, com menos precisão, inglês elisabetano – *Elizabethan English*), inglês vitoriano (*Victorian English*) e inglês contemporâneo (*contemporary English*). Trata-se de fase bem conhecida da língua inglesa não apenas por ser atualmente utilizada, mas também por terem sido nela escritas, no início da modernidade, as obras de William Shakespeare. Foi nesse período que se estabeleceu a crítica literária britânica, conforme produzida, por exemplo, pelos poetas Sir Philip Sidney (1554-1586), Samuel Daniel (1562?-1619) e Thomas Campion (1567-1620), em cujos tratados de poética difundiu-se a taxionomia greco-latina relativamente aos versos ingleses.⁴

Convém explicar que a língua do primeiro desses períodos, justo aquela em que se produziu *Beowulf*, é denominada tanto inglês antigo (*Old English*) quanto anglo-saxão (*Anglo-Saxon*). Conforme se viu acima, trata-se da língua inglesa que, depois, se tornaria, também, a língua de Chaucer⁵ e a de Shakespeare e, em séculos posteriores, o idioma oficial

⁴ No início da modernidade, sobremaneira durante a época elisabetana, alguns poetas ilustres, como Sir Philip Sidney, Samuel Daniel e Thomas Campion, discutiam se a poesia vernacular inglesa deveria assimilar os preceitos da poesia greco-romana, sobretudo o sistema quantitativo de versificação, ou se deveria manter a alternância de sílabas tônicas e átonas em versos rima-dos. Nos tratados em que defendiam essas concepções teóricas, exemplificadas com versos compostos *ad hoc*, os poetas ingleses valiam-se da nomenclatura greco-romana para referir-se, de modo indistinto, aos versos em grego, latim e inglês, pois a poesia anglo-saxã e medieval não produziu tratados de poética em que se inaugurassem denominações literárias em vernáculo. Com isso, passou-se a aludir aos versos ingleses pelos nomes gregos, em suas formas latinas, adaptados ao sistema métrico de distribuição de sílabas tônicas e átonas vigente em inglês. Por isso, ainda hoje, por um jambo entende-se, em poesia inglesa, um pé formado por uma sílaba átona seguida de uma sílaba tônica.

⁵ Como exemplo do inglês de Chaucer, leia-se uma das estrofes com que o poeta encerra a sua obra *Troilus and Criseyde*: “Go, litel book, go litel myn tragedie/ Ther god thy maker yet, er

do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte e de suas (antigas) colônias. É para enfatizar essa relação histórica entre o inglês antigo e o inglês contemporâneo que, às vezes, se pretere o termo anglo-saxão, escolha que se explica pelo propósito de evitar-se a indução errônea de que o inglês antigo se trataria de uma língua outra da qual o inglês moderno teria se originado. Contudo, pode-se também utilizar o termo anglo-saxão para enfatizar, com ele, as particularidades estruturais dessa fase da língua inglesa, desde que assim não se obscureça a relação entre o anglo-saxão e o inglês contemporâneo. Dessa maneira, qualquer que seja sua terminologia, pode-se afirmar que, *grosso modo*, o inglês da composição de *Beowulf* apresenta para com o inglês contemporâneo relação análoga àquela entre o português medieval e a língua portuguesa atual – e não, por exemplo, entre o latim e a língua vernácula de Portugal, se se toma a última como uma língua distinta da primeira, que a originou.

O INGLÊS ANTIGO E O DIALETO SAXÔNICO OCIDENTAL

O inglês antigo é formado em sua essência pela assimilação da língua dos anglos e da língua dos saxões (tribos germânicas continentais que chegaram, junto com os jutos, às Ilhas Britânicas, então habitadas pelos povos celtas, após o domínio romano), cujas semelhanças estruturais permitiam a comunicação mútua de seus falantes, mesmo se fossem eles monoglotas.⁶ O vocabulário do inglês antigo, formado por elementos anglos e saxões acrescidos de alguns vocábulos dos jutos, expandiu-se com termos provenientes do latim, do nórdico antigo e, em menor escala, das línguas celtas.

*that he dye,/ So sende might to make in som comedie!/ But litel book, no making thou nenvye,/ But subgit be to alle poesye;/ And kis the steppes, wher-as thou seest pace/ Virgile, Ovyde, Omer, Lucan, and Stace.” (Troilus and Creseyd: 1786-1792. CHAUCER, Geoffrey. *The Complete Works*. Ed. W. W. Skeat. Oxford: Oxford University Press, 1900). Em português: “Vai, livreto, pequena mi’a tragédia,/ Aonde conceda Deus que teu criador/ Faça, antes de morrer, uma Comédia!/ Mas, livreto, te põe, pois, ao dispor/ Da poesia, sem dos versos ter invidia –/ E beija o chão, lá onde deram passo/ Virgílio, Ovídio, Homer’, Lucano e Estácio”. Aqui, na minha tradução.*

⁶ Os povos celtas habitantes da Britânia foram, *ipso facto*, denominados britânicos pelos romanos e, posteriormente, chamados, pelos invasores germânicos, de *wealas* – termo anglo-saxônico com o sentido de “estrangeiros” que originou *Wales*, denominação inglesa do País de Gales, bem como o adjetivo pátrio *Welsh*, “galês” em inglês moderno. Por sua vez, os povos de origem celta chamavam indistintamente de saxões os invasores germânicos, mesmo se estes fossem anglos. Curiosamente, passou-se a referir como anglos, em sua forma latina *Angli*, aos reis anglo-saxônicos, e a apropriação dessa palavra do latim pelos falantes de inglês antigo originou o vocábulo *Engle*, donde *Englisc* e o inglês moderno *English*.

Quanto à ortografia, em inglês antigo já se utilizava o alfabeto latino, ao qual se acrescentaram símbolos especiais, baseados no alfabeto rúnico, para representar fonemas inexistentes em latim. Desses símbolos, os seguintes se observam em *Beowulf*: o *þ* (cuja forma maiúscula é *Þ*), denominado *thorn* por causa da letra rúnica em que é baseado; o *ð* (*Ð* é a sua forma maiúscula), chamado *eth* também por causa da letra rúnica de que advém; e o *æ*, que, denominado *ash*, apresenta o *Æ* como sua forma maiúscula. Note-se que, de maneira distinta do latim clássico e do islandês moderno, o *ash* não representa um ditongo em inglês antigo, mas, sim, a vogal posterior breve como aquela que se ouve, ainda hoje, no vocábulo *cat*, a qual, contudo, podia então ser também longa, o que não ocorre em inglês moderno. Embora à primeira vista esses símbolos possam parecer um empecilho à leitura do poema original, eles de fato tornam o reconhecimento dos sons mais fácil. O *thorn* e o *eth*, por exemplo, permitem diferenciar, na escrita do inglês antigo, as duas pronúncias que são hoje representadas indistintamente pelo dígrafo *th*. Assim, por exemplo, “penso” em inglês antigo escreve-se *þence*, ao passo que o demonstrativo “que” é grafado *ðæt*, pelo que se distingue do inglês moderno, em que estas palavras, *think* e *that*, representam, com o mesmo dígrafo inicial, pares sonoros distintos, quais sejam, respectivamente: uma consoante africada dental desvozeada (*thorn*) e uma consoante africada dental vozeada (*eth*). Ademais, como se observa ainda no vocábulo *ðæt*, também o *ash* impede a dúvida, comum em inglês moderno, acerca da pronúncia do /a/, que pode representar tanto um ditongo (por exemplo, no vocábulo *late* em inglês moderno) quanto a vogal inferior anteposta que se ouve, por exemplo, na palavra *latter*, em inglês hodierno.

Com relação às demais vogais, o inglês antigo apresenta estrutura fonética anterior à grande mudança vocálica (*The Great Vowel Shift*) que, tendo ocorrido entre, aproximadamente, os anos 1400 e 1600, deu à língua inglesa a maioria das particularidades de sua prosódia. Assim, os fonemas do inglês antigo tendem, às vezes, a ser mais próximos daqueles das línguas européias continentais que do inglês moderno. O /y/ em *wyf*, “esposa”, por exemplo, é pronunciado como vogal simples, similarmente à pronúncia alemã, e não como o ditongo ouvido na pronúncia moderna desse vocábulo, hoje grafado *wife*. Em inglês antigo, existiam, ainda, a consoante fricativa palatal desvozeada /ç/ e a consoante fricativa velar desvozeada /x/ observadas em alto alemão moderno, língua na qual ambas são grafadas com o dígrafo *ch*, respectivamente, por exemplo, em *ich* e *Nacht*. Já o nome “Beowulf” apresenta /e/ longo (como no vocábulo *Leben* em alemão moderno) seguido do *schwa* (o som do /a/ em *about*) e acres-

cido de *-wulf* (pronunciado da mesma forma que *wolf* em inglês moderno), ou seja, “Beowulf” pronuncia-se com duas sílabas, a primeira das quais, tônica, é um ditongo, e a segunda faz-se de uma vogal breve. Como ditongos cuja primeira vogal é longa deixaram de existir, o próprio /e/ de “Beo” ditongou-se em /ei/, seguido do um *schwa*, pronúncia que é aceita pelos dicionários de inglês moderno.

No que diz respeito à sua morfologia, o inglês antigo apresenta os mesmos casos de declinação das demais línguas germânicas antigas, que são aqueles, por exemplo, do alemão moderno, do islandês moderno e do grego, quais sejam: o nominativo, o acusativo, o genitivo e o dativo – além desses, existem em inglês antigo resquícios do instrumental, caso cujas funções foram em grande parte absorvidas pelo dativo. Também como nessas línguas, são três os gêneros da língua anglo-saxã – o masculino, o feminino e o neutro –, e, consoante o grego clássico e, também, a formas residuais do islandês moderno, existem ocorrências em inglês antigo do dual (por exemplo, a forma nominativa *wit*, “nós dois”, e *incer*, nominativo do pronome possessivo que significa “de vós ambos”). As desinências anglo-saxãs são, contudo, muitas vezes idênticas entre si, o que pode levar a dúvidas de interpretação que, não raro, nem mesmo o contexto de sua ocorrência permite dirimir. Exemplo disso é *wylf*, “loba”, forma nominativa do substantivo atribuído à mãe de Grendel em *Beowulf* que apresenta como declinação no singular *wylfe* para todos os demais casos, o que dificulta a leitura do trecho em que aparece, embora não tanto como a palavra *dohtor*, “filha”, e o problema de interpretação por ela gerado no poema (veja-se, para tanto, a nota 58 da presente tradução).

Com essas características essenciais, o inglês antigo, espalhando-se pelas Ilhas Britânicas, diversificou-se em quatro dialetos principais, a saber: o dialeto da Nortúmbria (*Northumbrian*), importante pelos documentos nele escritos; o dialeto de Kent (*Kentish*), do qual restam poucos registros; o dialeto da Mércia (*Mercian*), que era falado nas *Midlands* inglesas e do qual advém o inglês moderno (tomados em conjunto, o dialeto da Nortúmbria e o dialeto da Mércia são, por vezes, considerados como um mesmo dialeto anglo); e, por fim, o dialeto saxônico ocidental (*West Saxon*). Difundido pelas conquistas políticas, pelo desenvolvimento econômico e pelo crescimento da cultura letrada durante o reinado de Alfredo, o Grande, o dialeto saxônico ocidental serviu como base para a formação da norma culta empregada nos documentos governamentais, nas traduções – feitas do latim, sobretudo – e nos versos originais de vários dos primeiros poetas da literatura inglesa. Divide-se esse dialeto, por seu turno, em duas fases históricas: o saxônico ocidental inicial (*early*

West Saxon) e o saxônico ocidental tardio (*late West Saxon*). A partir deste último, desenvolveu-se uma linguagem específica, uma *koiné* poética baseada na norma culta do saxônico ocidental, à qual se acrescentaram vocábulos anglos (por exemplo, *ældron* e *folcraed* em vez de *eldron* e *folcred*) e arcaísmos da fase inicial desse dialeto (por exemplo, o vocábulo *hiera*), além de palavras de uso raro, algumas utilizadas somente em poesia. É nessa linguagem que *Beowulf* foi escrito, com frases e orações complexas, não raro com seus termos dispostos em ordem inversa, e, também, com elipses e outros recursos que fazem a linguagem do poema distinguir-se dos usos cotidianos, tanto formais quanto informais, e, mesmo, da prosa literária do inglês antigo.

DO ESTILO E DA VERSIFICAÇÃO

Prevalece em *Beowulf* o tom solene, típico das epopéias, modulado por artifícios como, por exemplo, o uso de epítetos, o emprego de expressões comuns à poesia das línguas germânicas antigas (“ouvi dizer”; “filhos dos homens”), além da utilização de sinônimos, à guisa de obter as aliterações constantes, e de figuras de retórica, litotes sobretudo. Junto a esses elementos, constrói-se o foco narrativo peculiar do poema, assim descrito por Klaeber:

(...) uma mera narração objetiva dos fatos não é o alvo central. O poeta não se satisfaz em recitar fatos, independentemente do quão heróicos e emocionantes eles possam ser. Nem tampouco se preocupa em descrever de maneira clara e concreta a aparência exterior das pessoas, nem mesmo do herói principal, embora presente, com eloquência, a impressão determinante que tem de outrem. Contudo, ele se interessa pelo significado interior dos acontecimentos, os motivos subjacentes, a manifestação da índole. Ele não perde a oportunidade de revelar o que está se passando nas mentes daqueles que estão a agir. Está sempre pronto a analisar os pensamentos e os sentimentos de Beowulf e de Hrothgar, bem como os Danos e os Getas, Grendel e sua espécie, indo, até mesmo, aos monstros marinhos e às aves de rapina. Dessas, as intenções, decisões, expectativas, esperanças, medos, sentimentos de perda, júbilo e sofrimento mental atraem a constante curiosidade dele.⁷

Erguida sobre esses elementos fundamentais, a narrativa de *Beowulf* revela também o uso recorrente das *kennings*. Por *kennings* entende-se uma manifestação metafórica específica entre cujo significado, convencionalmente predeterminado, e os elementos que constituem sua forma final não se estabelece uma relação direta nem, às vezes, clara. Distinta,

⁷ KLAEBER, Friedrich (ed.). *Beowulf and The Fight at Finnsburg*. Boston: Heath, 1922. p. lix-lxi. Aqui, na minha tradução para o português.

por exemplo, de uma construção metafórica do tipo “coração de pedra”, na qual se associa o órgão humano ao elemento mineral pela dureza deste que se atribui à insensibilidade emocional representada por aquele, uma *kenning* para sol em inglês antigo é “*woruldcandel*” (“vela do mundo”); outra, para mar, é “*hronrad*”, “via de baleias”; outra, para harpa, é “*gomenwudu*” – literalmente, “prazer-madeira”, ou, na presente tradução, “lígnea peça de prazer”. Embora não haja evidências que comprovem tal interpretação, acredita-se que o próprio nome *Beowulf* possa ser uma *kenning*, ou, ao menos, uma aglutinação de termos, que significaria “urso”, de *beo*, “abelha” (donde o inglês moderno *bee*) e *wulf* (inglês moderno *wolf*), “lobo”, isto é, um “lobo de mel”.

Distinguem-se as *kennings* das expressões que, conhecidas como *compounds* em inglês moderno, são também recorrentes em *Beowulf*. Um exemplo desses termos compostos é “*hringedstefna*”, “nau de vante curvada”, que não se trata de uma *kenning*, como pode parecer à primeira vista, mas de uma expressão constituída de participios verbais ou de substantivos deverbais, o que também se observa em sua tradução para o inglês moderno: *ring-prowed ship* (note-se que o substantivo *prow*, “proa”, aparece aqui como verbo). Diferente das *kennings*, este tipo de construção é comum às línguas indo-européias e similar, por exemplo, à expressão “*Rosy-Fingered Morn*”, com a qual George Chapman (1559?-1634), tradutor de Homero, transpõe para o inglês elisabetano a expressão helênica “*ῥοδοδάκτυλος Ἥως*” (*Odisséia* III:497) – “aurora dedirrósea” na tradução de Odorico Mendes.

Plasmam-se esses elementos na versificação anglo-saxã, pela qual *Beowulf* estrutura-se segundo os fundamentos do verso germânico que são comuns, por exemplo, à *Edda Poética* (*Sæmundar Edda*), escrita em islandês antigo, e à *Canção de Hildebrando* (*Hildebrandslied*), composta em alto alemão antigo. Trata-se do sistema de versificação acentual, no qual a disposição de determinado número de sílabas tônicas (a despeito do número de sílabas átonas) determina a distribuição das aliterações nas duas metades do verso – também chamadas, ao modo latino, de hemistíquios –, entre as quais incide a cesura graficamente demarcada pelo espaço em branco que fornece aos versos seu aspecto peculiar. Nesse sistema, a divisão do poema em seções tem importância secundária (a palavra *fitt*, que denomina cada uma dessas seções, significa “canto”, mas não é indicador *ad hoc* de uma interrupção da narrativa, como costuma ocorrer, por exemplo, em grego e em latim) e, portanto, não é tratada na seguinte descrição da versificação anglo-saxã feita pelo professor James W. Bright, aqui citada por sua concisão:

Cada *verso* consiste em duas partes (...) separadas por uma cesura e unidas por aliteração (isto é, por rima inicial; a rima final ocorre ocasionalmente, mas apenas como um ornamento incidental).

Cada metade do verso apresenta dois pontos de ênfase rítmica, ou acentos, e, conseqüentemente, duas medidas rítmicas ou “pés”; é uma unidade estrutural e tem escansão própria e independente daquela da outra metade do verso, que a complementa (...)

A ársis (ou a ênfase rítmica) requer uma sílaba longa (a vogal deve ter quantidade longa, ou, caso contrário, a sílaba deve terminar em consoante) ou equivalente. Tal equivalente (...) consiste em duas sílabas, das quais a primeira (que traz um dos acentos) é breve, e a segunda é átona o bastante para se combinar com a primeira a fim de produzir com ela o equivalente métrico de uma sílaba longa.

A tésis (a parte do pé que não recebe o acento) consiste de um número variável de sílabas, as quais ou não são acentuadas, ou subordinam-se à parte a que se dá a ênfase. Não se faz distinção, na tésis, entre sílabas longas e breves.

A aliteração (rima inicial, que consiste na concordância dos sons iniciais das palavras e das sílabas) é empregada para unir as duas metades do verso em uma unidade rítmica maior. A aliteração restringe-se às sílabas da ársis (e marca a mais enfática dessas). As sílabas que aliteram tem a mesma consoante (embora as combinações iniciais *sp*, *sc* e *st* sejam uma exceção, uma vez que somente formam aliterações consigo mesmas, e não com palavras que se iniciam com *s*) ou tem um som vocálico inicial, em que qualquer vogal ou ditongo forma aliteração consigo mesmo ou, mais comumente, com qualquer outra vogal.⁸

Acrescente-se à explicação de Bright que, com certa frequência, a rima interna é também empregada no verso anglo-saxônico como ornamento adicional à aliteração, e, diferentemente da rima final, não se trata

⁸ BRIGHT, J. W. *An Anglo-Saxon Reader with an Outline of Anglo-Saxon Grammar*. 3 ed. New York: Henry Hold, 1912. p. 229-230. Aqui, na minha tradução para o português. Esses princípios são comuns, também, aos versos da *Edda Poética*, conforme se nota neste excerto do *Völuspá*, um de seus episódios: “*Þaðan koma meýjar margs vitandi/ þrjár, ór þeim sal er und þolli stendr;/ Urð hétu eina, aðra Verðandi,/ skáru á skíði, Skuld ina þriðju;/ þær log logðu, þær lif kuru/ alda þörnum, qrlog sæggja.*” (EDDA. *Völuspá*: 20. *SÆMUNDAR EDDA*. Neckel, Gustav (ed.). *Edda: Die Lieder des Codex Regius nebst Verwandten Denkmälern I: Text*. Fünfte Auflage. Heidelberg: 1983). Ou, na minha tradução para o português: “Eis, então, três senhoras tão sapientes./ Lá se achava, ao pé da árvore, o seu lar./ Feita chamava-se uma. Fazendo, outra./ Talhavam madeira com a terceira,/ Farseá. Lei faziam. Fados dos homens/ E crianças procriadas escolhiam.” Também se configuram assim os versos em alto alemão antigo da *Canção de Hildebrando*, cuja abertura apresenta, ademais, a expressão “ouvi dizer”, recorrente em *Beowulf*: “*Ik gihôrta dat seggen,/ dat sih urhêttun aenon muotîn,/ Hiltibrant enti Hadubrant untar herium tuêm/ sunufatarungo...*” (HILDEBRANDSLIED. Hrgs. E. A. Ebbinghaus. *Althochdeutsches Lesebuch* 17. Tübingen: Niemeyer, 1994), ou, na minha tradução: “Eu ouvi ser dito/ Que se depararam, a sós, varões,/ Hildebrando e Hadubrando entre dois/ Senhores: pai e filho...”.

de mero acidente. Observam-se em *Beowulf*, por exemplo, duas palavras que, consecutivas, rimam entre si, como *hond* (“mão”) e *rond* (“escudo”) em “*Ne mihte ða forhabban, hond rond gefeng (...)*” (2609); ou, na presente tradução, “Ele pegou,/ então, o seu amarelado escudo/ (dele a rode-la toda era de tília) (...)” (2611). No entanto, é a aliteração, como se viu acima, o elemento que urde os versos da poesia em inglês antigo, e que, portanto, não constitui artifício secundário, mas forma de estruturação poética comum às literaturas germânicas antigas. Conforme explica Genzmer:

Ao passo que a rima final é patente tarefa de ornamentação externa manifestada na sílaba então disposta de maneira a terminar o verso, a rima aliterante apreende o verso em seu cerne, para projetar, com maior evidência, as sílabas mais relevantes quanto ao conteúdo. Essa conjunção entre forma e conteúdo dá ao verso germânico sua força de expressão.⁹

Como exemplo, leiam-se estes versos, nos quais *Beowulf* descreve o sofrimento do rei Hrethel, cujo filho Hæthcyn matou por acidente seu irmão mais velho Herebeald:

Gewiteð þonne on sealman, sorhleod gæleð
an æfter anum; þuhte him eall to rum,
wongas ond wicstede. Swa Wedra helm
æfter Herebealde heortan sorge
weallende wæg... (BEOWULF: 2460-2464)

Ou, em português:

E cai na cama. E canta tristes cantos,
um após o outro. Ubíquo vazio –
na casa e nos campos. No coração
do protetor dos Getas, pois, por Herebeald
tanto pesar havia... (*BEOWULF*. Trad. RAMALHO: 2460-2464)

É por essa disposição de versos e suas variações estilísticas que se tecem os eventos e as digressões da trama do poema.

DA TRAMA

Embora escrito em inglês antigo, a trama e as principais personagens de *Beowulf* dizem respeito aos povos germânicos escandinavos/bálticos – dentre os quais se encontram os antepassados dos anglo-saxões, cujos reis pertencem às linhagens dos Anglos e dos Saxões antes de sua chega-

⁹ GENZMER, F. *Einleitung*. In: *EDDA*, die. Hrsg. Felix Genzmer. Leipzig: Eugen Diederichs, 1941. p. 1-30. p. 8. Aqui, na minha tradução para o português.

da às Ilhas Britânicas. Visto que o conhecimento prévio dos eventos narrados tende a facilitar a leitura do poema – e, como consequência, permitir que o leitor melhor aprecie, desde sua primeira leitura, a beleza dos versos –, ofereço a seguir uma breve descrição da trama de *Beowulf* com seus principais elementos.

A narração dos eventos inicia-se com a vida de Scyld Scefing, fundador da linhagem real dos Danos, e descreve-se sua ascensão ao trono, o nascimento de seu filho Beow (ou Beowa), e, por fim, seu funeral. Seguem-se a isso menções às glórias de Beow e ao nascimento de seus filhos, um dos quais – Hrothgar –, após tornar-se rei dos Danos, constrói o suntuoso salão Heorot – os salões, *halla* em inglês antigo, eram grandes salas, não raro com cômodos anexos, habitadas pelos nobres, nas quais se realizavam os banquetes com farta distribuição de hidromel. Os moradores de Heorot começam a ser atacados por Grendel, monstro que se irritou com o alarido dos festejos constantes realizados no salão, até que Beowulf, após tomar conhecimento dos fatos, viaja às suas terras para encontrar-se com Hrothgar e propor ajudá-lo a combater o monstro. Beowulf é recebido por Hrothgar com gratidão por oferecer-se para derrotar Grendel e, também, com promessas de prêmio, caso consiga fazê-lo. Para celebrar a chegada de Beowulf às terras dos Danos, faz-se um banquete, conforme o costume, com vasta distribuição de bebidas alcoólicas e com a presença do *scop*, poeta a cantar feitos heróicos ao som de sua harpa – *scop* (*sceop*, em inglês antigo) é palavra de significado similar às descrições latinas do poeta, e o seu sentido é glosado em latim como *cantator*, *artifex* e *ioculator*, sendo o vocábulo em inglês antigo correlato ao verbo criar (*scieppan*) e ao substantivo criação (*gesceaft*).

Nessa ocasião, um Dano de nome Unferth provoca Beowulf, pondo em dúvida sua força ao relembrar a derrota do herói dos Getas para Breca, príncipe do povo Bronding, em um desafio a nado no mar. Beowulf afirma sua superioridade física em relação a Breca e justifica sua derrota pelo fato de que monstros marinhos, levando-o para o fundo do mar, onde foram debelados por ele, atrasaram seu percurso.

Após os festejos, os Danos e a tropa dos Getas de Beowulf acomodam-se em seus leitos. Vindo de sua morada, localizada em uma região pantanosa, Grendel adentra Heorot, ataca um guerreiro adormecido, esfacela-o e engole-o. Ao aproximar-se de Beowulf, todavia, é surpreendido pelo herói, que lhe arranca a garra, a qual fica presa no teto do salão, enquanto, moribundo, o monstro foge de volta para sua habitação. Abre-se, então, uma digressão que remonta à lenda germânica de Sigmund, que, com Fitela, seu sobrinho, destruiu um dragão e tomou o tesouro por

este guardado. Depois, a morte de Grendel é celebrada por Hrothgar, que, na condição daquele que distribui riquezas – uma função central do rei anglo-saxão é mostrar-se um “doador de anéis” –, concede prêmios a Beowulf: espadas, jóias e cavalos. Ao som de sua harpa, o *scop* canta, em outra digressão, a luta em que o rei frísio Finn e o herói dano Hnæf são derrotados. Segue-se a isso a descrição dos presentes que Wealhtheow, a rainha consorte de Hrothgar, concede a Beowulf, bem como seu pedido para que o herói, na falta dela e do rei, tome conta de seus filhos.

Os Danos, contudo, passam a ser vítimas dos ataques da mãe de Grendel, sedenta de vingança pela morte do filho, a qual Beowulf, a pedido de Hrothgar, põe-se a enfrentar. A chegada de Beowulf vivo da moradia sob a água, onde matara a mãe de Grendel, é celebrada pelos guerreiros que o acompanharam até a beira da água, os quais, com dificuldade, carregam a cabeça de Grendel, decepada pelo herói geta do corpo do monstro, que jazia na caverna subaquática, até o salão de Hrothgar. O herói é recompensado com mais riquezas pelo rei antes de despedir-se dos Danos e de retornar para as terras dos Getas, onde é recebido pelo rei Hygelac, que, após receber de Beowulf os presentes a ele enviados por Hrothgar, concede prêmios ao varão por sua bravura. De súbito, narram-se as mortes de Hygelac e de Hrethel e a ascensão ao trono de Beowulf, que reina por cinquenta anos, até que enfrenta nova ameaça: um dragão flamejante (veja-se, acerca desta criatura, a nota 19 da presente tradução), ao qual também se refere como uma serpente.

Descreve-se, então, o roubo de uma taça do tesouro guardado pelo dragão, o que o motivara a destruir, enfurecido, a região vizinha à sua morada. Por uma digressão se contam algumas das façanhas de Beowulf, que faz, por seu turno, uma segunda digressão, desta vez acerca da morte accidental de Herebeald por seu irmão Hæthcyn, ambos filhos de Hrethel, o rei que também foi responsável pela criação do herói geta. Ainda outra digressão é feita por Beowulf, agora relativamente às batalhas entre os Suiões e os Jutos após a morte de Hrethel. Narra-se, depois, como Beowulf acerta a serpe em vão com a espada e percebe que seu escudo não é forte o suficiente para suportar o contra-ataque do inimigo. Wiglaf, um dos guerreiros getas que acompanha Beowulf, corre em seu socorro, enquanto os demais fogem, amedrontados. Mesmo ferido pela mordida venenosa do dragão, Beowulf consegue cortar o inimigo ao meio, para cujo ato teve o auxílio de Wiglaf. Moribundo, Beowulf pede a Wiglaf que o deixe ver o tesouro, parte do qual é levada até o herói, que se põe a descrever como quer que seja seu funeral. Narram-se, em seguida, o retorno dos companheiros de Beowulf que haviam fugido de modo covarde, a repre-

ensão que Wiglaf faz à atitude destes e o anúncio ao povo geta da morte do rei, bem como a ordem para que sua pira fúnebre seja preparada. Wiglaf também rememora algumas das glórias de Beowulf. Por fim, descrevem-se os ritos fúnebres do herói.

Desse modo, sob os envólucros da complexa musicalidade de *Beowulf*, essa trama apresenta-se ao tradutor como material a ser transposto para o leitor por meio de escolhas que, ao mesmo tempo, correspondam, de preferência, aos aspectos formais e temáticos do poema.

DA TRADUÇÃO

Várias são as traduções de *Beowulf* tanto para o inglês moderno quanto para outras línguas (alemão, holandês, espanhol), e não menos diversificadas são as escolhas feitas pelos tradutores ao verter o poema quer seja em prosa, quer seja em verso. A primeira tradução de *Beowulf* é aquela, para o latim, feita por Thorkelin, cuja primeira edição, com a transcrição do manuscrito, foi publicada somente em 1815 e reeditada com a colação iniciada pelo professor da Universidade de Oxford John Josias Conybeare – à qual deu continuidade seu jovem amigo Frederic Madden, que decidira estudar inglês antigo por influência de Conybeare e de sua biblioteca. Conhecida como a colação de Conybeare-Madden, apresenta essa edição os versos em inglês antigo transcritos por Thorkelin ladeados por sua respectiva tradução latina, ambos sem os característicos espaços em branco entre os hemistíquios, os quais se colocam um abaixo do outro, como neste versos (os quais foram, depois, numerados como 2276, 2277 e 2278):

<i>Ðær he hæþen gold</i>	<i>ibi paganum idolum</i>
<i>Waraþ wintrum frod</i>	<i>custodit annis provectus</i>
<i>Ne byþ him wihte</i>	<i>non est illi creatura</i>
.....
<i>Swa se þeod sceapa</i>	<i>Ita gentis adversarius</i>
<i>Preohund wintra</i>	<i>Trecentis annis</i>
(BEOWULF. Trad. THORKELIN) ¹⁰	

Além da ausência do esforço para recuperar aspectos estilísticos do inglês antigo, Thorkelin simplifica a linguagem do poema ao parafrasear seu conteúdo. Um exemplo disso é o fato de traduzir “*Preohund wintra*” (“trezentos invernos”) por “*trecentis annis*” (“trezentos anos”), o que

¹⁰ Apud KIERNAN, Kevin S. The Conybeare-Madden Collation of Thorkelin's *Beowulf*. In: PULSIANO, Phillip & TREHAME, Elaine (ed.). *Anglo-Saxon Manuscripts and Their Heritage*. Hants, England and Vermont: Ashgate, 1997. p. 135.

desconsidera, portanto, que a utilização específica de “invernos” é importantíssima na cultura e na literatura anglo-saxãs. Essa tradução primeira é, contudo, relevante para ser cotejada com outras, posteriores, cuja diversidade iniciou-se ainda no século XIX e muito aumentou no século XX.

Dentre as traduções contemporâneas de *Beowulf*, várias são feitas em prosa, como aquela de R. K. Gordon, publicada em 1926, cujo apreço popular deu-se sobremaneira por sua republicação, em 1992, pela Dover Thrift. Essa transposição, verso a verso, faz-se útil, sobretudo, para tomar-se conhecimento da trama do poema, como se vê neste trecho:

*Further they set a golden banner high over his head; they let the ocean bear him; they surrendered him to the sea. Sad was their mind, mournful their mood. Men cannot tell for a truth, counsellors in hall, heroes under the heavens, who received that burden. (BEOWULF. Trad. GORDON, 1926, p. 1-2)*¹¹

Compare-se o trabalho de Gordon ao mesmo trecho na premiada tradução feita por Seamus Heaney, que se mostra belíssima, exímio vate que é seu autor, principalmente quanto aos seus modos de recriar em inglês hodierno a musicalidade do inglês antigo:

*And they set a gold standard up
high above his head and let him drift
to wind and tide, bewailing him
and mourning their loss. No man can tell,
no wise man in hall or weathered veteran
knows for certain who salvaged that load.
(BEOWULF. Trad. HEANEY, 2001: 47-52)*¹²

Embora mais fiel do que Gordon à prosódia de *Beowulf*, Heaney vale-se de conectivos e do gerúndio para unir sentenças distintas (inclusive pela pontuação). A tradução de Gordon, portanto, se mostra mais próxima à disposição de sentenças do original, cujos versos são estes:

*Þa gyt hie him asetton segen gyldenne
heah ofer heafod, leton holm beran,
geafon on garsecg; him wæs geomor sefa,
murnende mod. Men ne cunnon
secgan to soðe, selerædende,
hæleð under heofenum, hwa þæm hlæste onfeng.
(BEOWULF: 47-52)*

¹¹ GORDON, R. K (transl.). *Beowulf*. New York: Dover-Thrift, 1992.

¹² HEANEY, Seamus (transl.). *Beowulf. A New Verse Translation*. London: Norton, 2001.

Veja-se, enfim, como o mesmo trecho encontra-se na presente tradução:

Um estandarte dourado hastearam
acima de sua cabeça. A nau saiu
para o oceano. Luto logo ocupou
o âmago – tão triste mente – de todos:
o rei dano ao mar foi encomendado,
mas quem pegou a carga da nau no pego
jamais se soube – sábios nos salões
e guerreiros ignoram-no igualmente.
(*BEOWULF*. Trad. RAMALHO, 2007: 45-52)

Conforme se observa nesses versos, tomei como objetivo central desta tradução, mais que apenas remeter o leitor aos temas de *Beowulf*, permitir que estes fossem veiculados de forma análoga ao poema em inglês antigo, com sua complexidade léxica e sintática, além de formas semelhantes de algumas de suas particularidades morfológicas e da recriação de suas variações rítmicas. Para tanto, a fim de alinhar os versos em língua portuguesa ao gênero de *Beowulf*, julguei serem os decassílabos mais apropriados, pois eles imprimem uma feição épica ao poema traduzido. No entanto, não se lê, aqui, o verso heróico, o que levaria, de maneira imprópria, à associação de *Beowulf* com a epopéia clássica (pois ele serve à tradução para a língua portuguesa dos épicos em latim e em grego) ou a epopéia renascentista (o heróico é, afinal, o verso d'*Os Lusíadas*). Preferi utilizar decassílabos que, destituídos da disposição tradicional das pausas, tornam-se meio de recuperar, juntamente ao emprego da pontuação com fins específicos de recriação do original anglo-saxônico, o efeito rítmico de *Beowulf*, cujo resultado tende a parecer fragmentado, sobretudo se comparado às formas poéticas da Antigüidade Clássica.

Ao longo dos 3182 versos decassílabos da presente tradução, mantive, também, o uso sistemático das aliterações como meio de assegurar a unidade rítmica do poema, atendo-me, assim, aos preceitos poéticos das línguas germânicas medievais. A eficácia das aliterações nas traduções de *Beowulf* é comprovada por Heaney, conforme se viu acima, e, também, por Allan Sullivan e Timothy Murphy, em sua transposição conjunta do poema em pentâmetros ingleses (versos constituídos por dez sílabas métricas cada, contadas da primeira à última), como, por exemplo, neste excerto, que corresponde ao trecho entre os versos 710 e 715 da presente tradução:

*Girt with God's anger, Grendel came gliding
over the moors beneath misty mounds.
The man-scather sought someone to snatch
from the high hall.*

(*BEOWULF*. Trad. SULLIVAN & MURPHY, 2004: 710-713)¹³

Ao dispor as aliterações nos versos, procurei fazê-las incidir sobre termos poéticos e raros de modo a recriar, também, as particularidades léxicas de *Beowulf* – pelo que me aproximei mais de Heaney do que de Sullivan e Murphy, em cuja transposição as aliterações ocorrem, por vezes, concomitantemente à simplificação do vocabulário original. Nesses termos, a presente recriação da musicalidade por estruturas aliterantes visa a aproximar-se, também, da tradução de *Beowulf* feita, para o alemão, por Hugo Gering, na qual se recuperam, com precisão, a riqueza léxica, sintática e musical do poema, conforme se percebe desde a sua abertura:

*Hört! Denkwürd'ger Taten von Dänenhelden
Ward uns viel fürwahr aus der Vorzeit berichtet,
Wie Könige kühn ihre Kraft erprobten.*
(*BEOWULF*. Trad. GERING, 1906:1-3)

Para obter tal efeito, de maneira análoga à distribuição das aliterações nas duas metades em que se dividem os versos em inglês antigo, faço com que, em cada verso, pelo menos um mesmo fonema – localizado, de preferência, no início de palavra e até a quinta sílaba métrica – repita-se, ainda que uma vez, entre a sexta e a décima sílabas métricas. Como exemplo, observem-se estes dois versos, do excerto supracitado, cujas aliterações se apresentam em negrito: “jamais **se** soube – sábios nos **sa**-lões/ e **g**uerreiros **ign**oram-no **ig**ualmente” (*BEOWULF*. Trad. RAMALHO, 2007: 51-52).

Assim, esforço-me em recriar a distribuição de um mesmo fonema que urde os sintagmas aparentemente fragmentados por sentenças curtas e pela pontuação repleta de pausas e quebras rítmicas. Sobre essa estrutura melódica fundamental, reconstruo os vários modos e tons de *Beowulf*, cujos versos constituem, por vezes, descrições longas, como esta, relativa a Grendel:

Nas sombras, sofria selvagem ser:
feroz monstro ferido com o fervor
da alegria que, todo dia aguda,
saía do salão. Lá, soava o som
das cordas da harpa. Claro canto: artífice,

¹³ SULLIVAN, Allan & MURPHY, Timothy (transl.). *Beowulf*. London: Longman, 2004.

cantava, pois, o poeta a criação,
em tempo priscos, dos homens; também,
de como o Todo-Poderoso a Terra
fez (tão pulcro plano com água posta
ao seu redor), e a reluzente luz
do sol e da lua – solene lume
pros habitantes da Terra, adornada
com folhas e galhos. Deus fez as formas
viventes que por todo o mundo vagam.
Assim, havia em todos a alegria,
quando o inimigo infernal iniciou
ações mui nocivas. Seu nome era Grendel
famigerado ser, um forasteiro
estranho – criatura errante das margens,
dos cercados e dos charcos. Tal ser
sem benção de Deus, banido, habitava
a moradia de sua raça de monstros.
(*BEOWULF*. Trad. RAMALHO, 2007: 87-108)

Em outras passagens, procuro empregar, como no poema em inglês antigo, ritmo mais ágil, indicativo da tomada de decisões ou da projeção, em ações, de estados de espírito, assim:

De pé, agradeceu
o velho a Deus p'los verbos do varão.
Hrothgar do corcel a rédea conteve –
cavalo de trançada crina. Tropa
de portadores de broquéis, a pé,
atrás do Rei, bem trajado. Nas trilhas
do bosque, as pegadas eram patentes –
rastos, na terra, rumo ao tremedal
escuro...
(*BEOWULF*. Trad. RAMALHO, 2007: 1397-1405)

Quando o tom dos versos é reflexivo, motivado pela introspecção, nota-se, também na tradução, um modo narrativo distinto daquele, mais ligeiro, que é empregado nas cenas de batalha recorrentes no poema. Isso pode ser observado, por exemplo, no sofrimento de Hrethel após a morte de seu filho:

Ao mais velho leito letal (violento)
fez, infausto, um feito do irmão: feriu-o
de morte o amigo, co'o arco de hastes córneas,
(Hæthcyn, fraticida, acertou com flecha
o alvo errado, após mirar o alvo certo)

Um crime desses o ouro não compensa,
nem se pode vingar do filho próprio.
Sofre o velho pai, vendo-o feito ao filho –
jovem que jaz; que faz do corvo o júbilo.
(*BEOWULF*. Trad. RAMALHO, 2007: 2440-2448)

Além das características ora descritas, convém explanar, aqui, outras escolhas que se lêem nesta tradução. De início, cumpre esclarecer que mantive os antropônimos em sua forma inglesa contemporânea – isto é, sem reproduzir as ocorrências do *thorn* e do *eth* –, de modo a transformar, por exemplo, *Hroðgar* em Hrothgar. É fato que existem formas latinas equivalentes a alguns dos nomes que estão em *Beowulf*, mas adotá-los incorreria no risco ou de o nome latino não corresponder ao nome anglo-saxônico (o que é devido sobretudo à falta de conhecimento preciso das fontes de *Beowulf*), ou de levar à falta de uniformidade, uma vez que não há formas latinas para parte dos antropônimos anglo-saxões.

Já quanto aos gentílicos relativos aos principais povos encontrados em *Beowulf*, apresento-os em língua portuguesa de acordo com as respectivas formas latinas que os originaram, as quais verifiquei nos escritos dos antigos Romanos e dos historiadores medievais. Desse modo, com o substantivo Getas e o adjetivo geta, oriundos, respectivamente, dos vocábulos latinos *Getae* e *geta*, traduzo o gentílico anglo-saxão *Geats*, que corresponde ao nórdico antigo *Gautar*, forma que remanesce no prefixo sueco *Göt-* encontrado, por exemplo, no nome *Götland*, região da Suécia atual. Os Getas eram um povo germânico relacionado aos godos, mas deles distintos, conforme se indica em *Beowulf*, quanto a aspectos históricos e geográficos, pois, regidos por sua própria linhagem real independente dos reis góticos, os Getas permaneceram por algum tempo na Escandinávia, quando os godos avançaram, por volta do século III, para o sul, em direção às partes centrais da Europa (veja-se a ocupação territorial dos povos principais da trama do poema no mapa que se encontra na página 211 deste volume).

Assim, distingue-se esse emprego do vocábulo “Getas” daquele com o qual, em latim clássico, se atribui tal gentílico a um povo da Sarmácia. Contudo, mesmo na fase clássica do latim já se registra a utilização de *Getae* na acepção de *Gothoi*, “godos”, o que, tendo sobrevivido em latim medieval, se mostra na escrita de Jordanes (*Iordanis*), monge e historiador do século VI. Em sua obra *De Origine Actibusque Getarum* (Da Origem e dos Feitos dos Getas), conhecida também como *Getica*, Jordanes considera a relação entre Getas e Godos e, baseado nas hipóteses que oferece, confirma que “(...) *Getas iam superiorie loco Gothos esse*

provimus” (IX), ou seja, que “os Getas são Godos já comprovamos acima”.¹⁴ Isso demonstra que a relação entre os Getas e os Godos é similar, por exemplo, àquela entre os Wælsings, gente a que Beowulf pertence, e os Getas, dos quais ele se torna rei; isto é, trata-se, conforme já dito, de povos relacionados, porém com distinções relevantes o suficiente para fazer com que não se utilize o termo “godo” em nenhum momento do poema para referir-se aos Getas.

Também os Danos, os Suiões e os Jutos ora se apresentam em suas formas latinas. O vocábulo “Danos”, que traduz o inglês antigo *Dene*, provém do latim *Dani*, cujo respectivo adjetivo é dano ou danês e por cujo emprego se distingue esse povo dos modernos dinamarqueses e, mesmo, dos dinamarqueses medievais em fase posterior, aos quais o historiador Saxo Grammaticus refere-se como *Danici*.¹⁵

Do mesmo modo, os gentílicos Suiões, suião e suiões dizem respeito ao povo nórdico antigo que, distinto dos suecos modernos (*Swedes*, em inglês moderno), é conhecido em inglês antigo como *Sweona* – a forma latina *Suioni* encontra-se na *Germânia* (44), obra em que Tácito alude a esse povo como “habitantes do próprio oceano” (*ipso in Oceano*), cujos varões são valentes em seus exércitos ou em suas tropas a navio (“*armaque classibus ualent*”).¹⁶ Já com o termo Jutos traduzo o inglês antigo *Eotena*, de acordo com a interpretação mais aceita para tal vocábulo, sobre o qual, entretanto, muito ainda se discute.¹⁷ Por fim, para os povos dos quais nada se conhece, nem mesmo a forma latina de seus nomes, mantenho aqui seus gentílicos em inglês antigo, transliterados, quando necessário, em sua forma contemporânea.

Foram, assim, os versos transpostos. Que neles se encontrem os sentidos que, novos a cada século, tornam sempre atual a literatura.

¹⁴ IORDANES. *De Origine Actibusque Getarum*. In: *Iordanis Romana et Getica*. Theodorus Mommsen (hrsg.). Scriptores: Auctores Antiquissimi, 5.1. Berlin: Weidmann, 1882. Aqui, na minha tradução para o português.

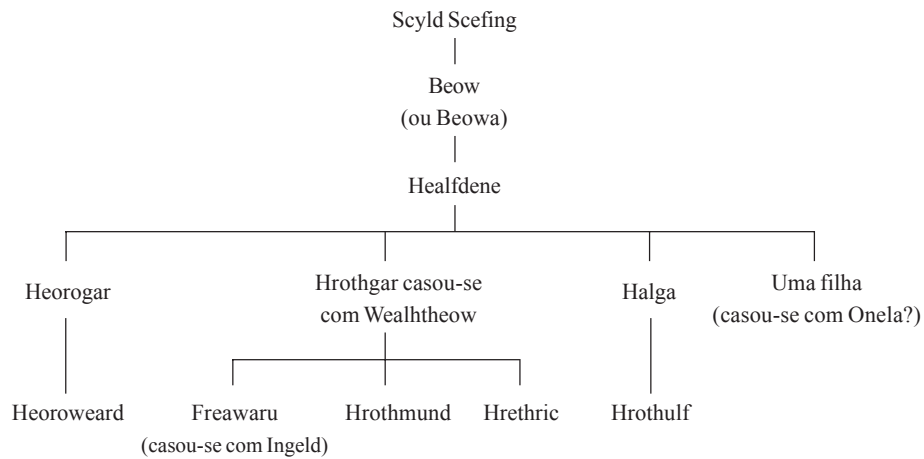
¹⁵ SAXO GRAMMATICUS. *Gesta Danorum*. Ed. J. Olrik, H. Ræder & F. Blatt. København: 1931-1957.

¹⁶ TACITUS. *Germania*. Ed. J.G.C. Anderson. Oxford: Clarendon Press, 1938.

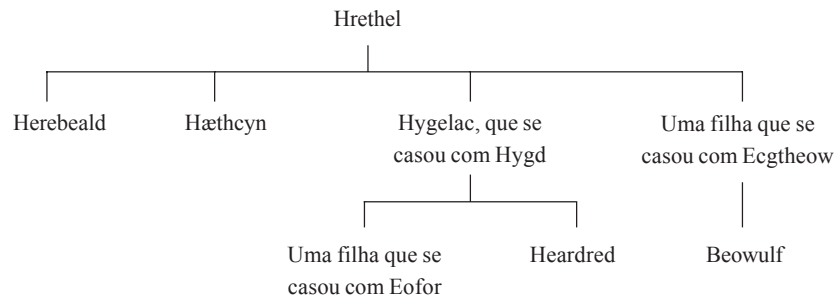
¹⁷ Ver CHAMBERS, R. W. *Beowulf. An Introduction to the Study of the Poem with a Discussion of the Stories of Offa and Finn*, 1959.

GENEALOGIAS

FAMÍLIA REAL DOS DANOS



FAMÍLIA REAL DOS GETAS



FAMÍLIA REAL DOS SUIÕES

